

KAPELLOS, AGGELOS. THE ORATORS AND THEIR TREATMENT OF THE RECENT PAST. BERLIN, BOSTON: DE GRUYTER, 2023, 531P. ISBN: 9783110791815.

Priscilla Gontijo Leite ¹

Palavras-chave

Retórica ática; história; memória.

O *corpus* dos oradores áticos constitui uma importante fonte para entender a democracia ateniense no decorrer dos séculos IV e V a.C. Contudo, nem sempre foi assim. No século XIX e início do século XX, os oradores foram vistos com desconfiança e os estudos destacavam a inveracidade de seus relatos (Todd, 1990). A reabilitação dos oradores como uma fonte importante para o entendimento do passado, tal como Tucídides e Xenofonte, se dá por mudança de percepção da retórica e da própria História, buscando entender as razões que levaram o orador incluir o relato do passado em seu discurso (Worthington, 1994). Assim, o uso da história nos discursos áticos está subordinado às intenções persuasivas do orador, permitindo que seu relato histórico contenha verossimilhanças, distorções e, até mesmo, mentiras a respeito do passado grego. É fundamental entender não apenas se orador disse algo verdadeiro ou falso sobre o passado, mas sobretudo como essas narrativas circulavam na comunidade política e serviam para apoiar projetos de futuro da cidade. Nesse sentido, o livro *The Orators and Their Treatment of the Recent Past* (2023) é um convite a reflexão urgente e necessária para nossa própria democracia, envolta por *Fakes News* e negacionismos históricos, cujo passado é mobilizado para diversos projetos políticos, alguns com contornos claramente excludentes e violentos.

O livro organizado por Aggelos Kapellos reúne 28 capítulos escritos por especialistas em retórica ática que concentram suas análises no uso do passado recente pelos oradores. É um dos materiais mais completos sobre a temática que, ao longo de suas mais de 500 páginas, abarca todo o cânone dos oradores áticos, incluindo àqueles com poucos discursos como

¹ Professora Doutora - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil. E-mail: priscillagontijo@gmail.com.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 224-227.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15485

Licurgo, abordado por Joseph Roisman, e Dinarco, por Ian Worthington. Já para oradores com um *corpus* mais extenso, como Demóstenes e Isócrates, são dedicados mais de um capítulo o que permite o contato com hipóteses diversas que podem ser convergentes ou não. Cada capítulo é acompanhado por um trabalho minucioso de notas de rodapé e de uma atual e extensa bibliografia. Isso torna o livro num guia interessante para especialistas bem como para quem deseja iniciar os estudos no campo da retórica ática.

O livro aborda o tratamento do passado pelos oradores a partir de uma metodologia específica. Se concentra no denominado *passado recente*, que está até 30 anos da data do discurso. Na Introdução, Kapellos apresenta 3 categorias para analisar o uso do passado pelos oradores: 1) passado distante – *distante past* – que corresponde aos eventos que a audiência não consegue se lembrar, mas conhece por ouvir dizer; 2) passado médio – *middling past* – eventos que os mais velhos podem lembrar e contar aos mais novos; 3) passado recente – *recente past* – eventos que toda audiência poderia lembrar por terem acontecido alguns anos atrás. O estudioso alerta que essa divisão é artificial, mas se mostra uma ferramenta eficaz para entender as variadas formas como o passado é tratado pelos oradores.

O relato do passado na retórica deve ser entendido sobre o prisma da persuasão e da relação do orador com sua audiência. Dessa forma, mentir é um ato arriscado, pois ao ver o orador como um mentiroso, a audiência poderia votar contra ele. O passado recente se torna ainda mais difícil de ser manipulado, uma vez que a audiência conseguiria com mais facilidade perceber isso. Contudo, isso não impede o confronto de narrativas com apresentação de diversas versões sobre os fatos, bem como de estratégias diferentes para abordar o passado, como é o caso da Segunda Embaixada e da Paz de Filócrates, assunto dos capítulos de Patrice Brun e de Peter A. O'Connell.

Os relatos do passado utilizados pelos oradores permitem perceber as consequências da Guerra do Peloponeso. Também é recorrente nos relatos os golpes oligárquicos de 411 e 404 a.C., o processo de anistia, a revolta de Mitilene e a batalha de Queroneia. Ademais, destaca-se o capítulo de Joshua P. Nudell sobre a conquista de Samos em 366 a.C. e a percepção dos atenienses sobre um episódio de excessos do imperialismo marítimo. Questões sociais também são abordadas nos capítulos sobre assuntos relacionados à família e herança, como o capítulo de Stefano Ferrucci, sobre Iseu, e de Brad L. Cook, sobre os discursos contra tutores de Demóstenes.

Antifonte é abordado por Michael Gagarin. Hiperides é centro da reflexão de Craig Cooper e de Janek Kucharski. Já Andocides é o tema dos capítulos de Frances Powell e de Edward M. Harris e, por sua vez, Isócrates de David Whitehead e de Yun Lee Too. Lísias é objeto de reflexão de Peter Rhodes, de Cinzia Bearzot, de Dino Piovan e de Markus Zimmermann. Ao *Corpus Demosthenicum*, o mais extenso do cânone, é dedicado o maior número de capítulos: Nicolas Siron aborda *Contra Timóteo* atribuído a Apolodoro; Gunther Martin, *Contra Andrócion* e *Contra Timócrates*; e Jeremy Trevett, *Contra Leptines*. Já Nathan Crick analisa a oração fúnebre de Demóstenes a partir dos conceitos de *rhetoric of defeat* e *rhetoric of deflection* para demonstrar a transformação de um fracasso militar em uma memória positiva, refletindo sobre o impacto de médio e longo prazo de uma oração fúnebre para mascarar a realidade de uma cidade. Ésquines é abordado de maneira pormenorizada por Dániel Bajnok. Zhichao Wang dedica seu capítulo a Hegesipo, um fervoroso anti-macedônico.

Além dos capítulos cujo tema central são os oradores, o livro também traz um estudo de Thomas G. M. Blank sobre o tribunal como um importante espaço na democracia ateniense para raciocinar sobre o passado e a partir daí criar uma memória. Utilizando o conceito de “comunidade mnemônicas” (2023: 3), aponta a possibilidade do *demos* compartilhar várias visões do passado. Já Agellos Kapellos apresenta a ótica de Platão, a partir de *Menêxeno*, sobre os acontecimentos da batalha de Egospótamo e Arginusas, destacando a possibilidade do filósofo ser leitor de Xenofonte. James Sickinger traz uma abordagem panorâmica a respeito do uso das inscrições de até duas décadas pelos oradores. Esse tipo de prova não é comum nos discursos. Deve-se considerar que os oradores tinham diversas provas a sua mão, escolhendo aquelas que causariam maior e mais imediato impacto - nesse ponto, os testemunhos se tornam mais elegíveis. O livro termina com o capítulo de Pierre Chiron sobre *Retórica a Alexandre* e como essa obra traz várias referências de um contexto entre a batalha de Queroneia e a Batalha de Lâmia.

Portanto, o livro organizado por Kapellos nos permite entender o conturbado cenário pós Guerra do Peloponeso, o debate público entre democracia e oligarquia e os diversos projetos políticos em debate em Atenas. Um dos aspectos mais importantes do livro é a reflexão de como esses temas eram recepcionados pelo *demos* e como fatos marcantes, a exemplo da batalha de Queroneia, eram moldados na memória coletiva. Ao ler esse livro é inevitável pensar no presente e no acirrado uso da história enquanto objeto de manipulação retórica no cenário público. A conclusão de Patrice Brun se mostra um alerta para nós. De acordo com o historiador,

Lies, alternative facts, *fake news*, delivered from the *bema* at the *Pnyx* by orators keen on developing them had a detrimental impact on Athenian democracy: while they still believed that the *logos* was important in the democratic process, perhaps the Athenians came to see it as a dead end, precisely because the orators on the *bema* had misused it. The fall of democracy could not well be the sole result of the military process, even if it cannot be discarded of course. (2023: 319)

Reconhecer o uso retórico do passado nos discursos é prevenir que mentiras destruam a nossa democracia, afinal o *logos* é o dos maiores pilares desse regime político.

Referências

TODD, S. The Use and Abuse of the Attic Orator. *Greece & Rome*, v. 37, n. 2, 1990, p. 159-178.

WORTHINGTON, I. History and oratorical exploitation. In: WORTHINGTON, I, (ed.). *Persuasion: Greek Rhetoric in Action*. London: Routledge, 1994.